

Dr. Gabriel José Rodrigues dos Santos

I

Em toda a parte o noviciado das instituições tem sido lento e doloroso. Na Europa, quantas nações consumidas só em desbravar e desobstruir a terra das ruinas que a cobriam! No mundo novo, quantas fadigas para impedir que a arvore se não mirrasse apenas plantada! Este preço, tão duro, de lagrimas e sacrificios, condição cruel, mas irrevogavel, de todas as revoluções que transformam a sociedade, pagou-o o Brasil, despertando de um somno de seculos para arriscar os primeiros passos na carreira trilhada pelas nações. Devorado da impaciencia de as alcançar, e deslumbrado pelas illusões juvenis, proprias dos estados que o futuro chama, e que sentem em si a vocação do seu destino, correu por entre precipicios, e só proximo da edade dos desenganos avistou o porto onde descança. Outro tanto nos aconteceu a nós.

Desde o dia em que proclamou a independencia, até áquelle em que a sabedoria do principe que o rege, allumiada pela consciencia publica, fechou a arena ás discordias, a historia do imperio offerece-nos, em rapidos e variados quadros, o mais dramatico e instructivo espectaculo. Em quanto não socegou no regaço da paz, a mão ainda inexperiente dos partidos, trémula de commoção, escreveu algumas d'essas paginas, a que o tempo esmorece logo as tintas, e que sobrevivem sómente para accusarem o delirio que as dictou.

Apesar de tão moço, como reino, o Brasil já conta em seus annaes nomes distinctos, rasgos e exemplos honrosos. Mais de um estadista encanecido nos conselhos do imperio legará á posteridade a boa memoria de seus actos; e não nos esqueça que do modesto loiro que orna o tumulo dos cidadãos illustres é tecida a coroa civica, disputada com orgulho até pelos povos que se ufanam mais com o esplendor das armas. Se a voz dos canhões, *magna vox*, troveja ainda nos campos de batalha, esses tropheos ensanguentados, que a gloria mal desculpa, carecem de que uma elevada idéa os absolva, ou de que um grande interesse humanitario os justifique. As festas da industria, as ovações do trabalho e as victorias pacificas da intelligencia, não conquistam menos fama do que a brava alegria das pelejas e do triumpho.

A palavra escripta e a palavra oral, mensageiras eloquentes do pensamento e da consciencia, atravessando as distancias com a velocidade do raio, e zombando das fronteiras mais bem guardadas, fallam a lingua de todas as verdades, agitam e inflammam os sentimentos e as esperanças adormecidas, e pacientes como todo o poder que se não receia do tempo, minam, abalam e ruem as cidadellas do passado, que, na sua immobilidade, cuidam desafiar em vão todas as iras e esforços. Soberbas e aprumadas sobre o alicerce vacillante da tradição, olham para traz como se o mundo se houvesse petrificado com ellas, e no meio do silencio, de que se rodeiam, bastilhas salvas por milagre do immenso terremoto de 1789, dizendo-se inaccessiveis e inviolaveis, sonham fazer parar o seculo e a razão diante de seus muros ennegrecidos, ou sob as ameaças de morte das suas baterias. Vaidade funesta e curta! O dedo de Deus escreverá breve para ellas a tremenda phrase que annunciou a quéda de outras, e, quando se reputarem mais seguras, entregal-as-ha, vencidas e inermes, nas mãos do povo.

Basta uma hora ás vezes para a obra de annos da imprensa se manifestar. Carregada a mina, esgotado

o soffrimento, a explosão não se demora. Mais poderosa do que todas as tyrannias juntas, em um impeto irresistivel, a imprensa, como Samsão, recobrando as forças, estalará os laços com que suppunham maniatal-a, prostrando e confundindo os que se vangloriavam de a ter por escrava. Um momento sobra para a tribuna arrancar as mordaças do despotismo, e desenfrear as tormentas, não aplacadas, e só mudas na apparencia, e para soltar esse grito, que, escutado ao longe, avisando as nações do perigo, obrigará os oppressores a recuar. A imprensa e a tribuna, alma das nacionalidades martyrisadas, voz dos direitos ultrajados, são as precursoras hoje da justiça social. A um aceno d'ellas unem-se os membros dispersos dos reinos lacerados, e o Titão esmagado, sacudindo a montanha de cima do dorso, ergue-se, e vem renovar a lucta. Hontem foi a Italia, hoje é a Polonia, ámanhã será a Hungria; e por todas ellas, mais do que os exercitos e as bayonetas, quem negará que tem advogados incançaveis a sua causa os milhões de vozes da imprensa, fallando ao coração, á intelligencia e ao sentimento? Quem ousaria cruzar os braços e mostrar-se quando o remorso de taes gemidos, e a dor de tamanhos infortunios, o acorda sobresaltado e commovido?

II

O homem notavel, de que nos propozemos traçar o esboço biographico, representa na sua physionomia as feições principaes do periodo em que viveu. Nascido seis annos antes de proclamada a independencia (em 1 de abril de 1816), abriu os olhos quasi na vespera dos successos que serviram de prologo aos acontecimentos em que lhe coube um papel importante. Orador, jurisconsulto, jornalista, dotado das faculdades promptas e activas, que a scena politica requer dos actores predestinados a figurarem n'ella com louvor, realçava as prendas naturaes esmaltadas pelo estudo, com o culto fervoroso da honra, com o sincero ardor das crenças, e com a pureza e integridade de caracter, dotes sempre raros no grau em que elle os possuiu, e ainda mais raros de ostentar em dias de adversidade e provação.

Se a sua phantasia não desatava os vôos que immortalisam os grandes poetas; se a sua eloquencia não se arrebatava nos fugosos repentes que a admiração por Mirabeau symbolisa, e de que Lamartine em 1848 nos revelou o prestigio: se a sua penna, em fim, simillhante á de Armand Carrel, acerada pela cholera, não gravou a prophecia do porvir nas paginas fugitivas do jornal, vivificadas por um estilo vingador, mesmo sem hombrear na estatura com esses vultos que não tiveram e não tem successor, a serena persuasão da sua palavra na tribuna, a fluida e correcta abundancia da sua phrase na imprensa, e os poderes de uma razão incapaz de tremer ou de vacillar no meio dos maiores furacões, assás abonam o conceito que soube grangear, e provam que a saudade da sua perda não foi uma d'essas lisonjas de popularidade, que as facções decretam aos seus idolos, mas que arrefecem mais depressa do que as cinzas a que promettem eterno renome.

Filho primogenito, fructo abençoado de uma união ditosa, Gabriel José Rodrigues dos Santos viu a luz na cidade de S. Paulo, séde da capitania creada em 1709 por carta regia de 23 de novembro, aonde seu pae, o alferes Joaquim Ribeiro dos Santos, residia occupado no trato de fazendas sêccas. Por parte de sua mãe não era menos limpa a geração. Filha do coronel Gabriel José Rodrigues, D. Maria Joanna da Luz tambem descendia de portuguezes de conhecida nobreza, e captára geral estima não só pelo sangue, como pelas qualidades naturaes, embora a fortuna nos ultimos tempos, e sobre tudo depois da morte do coronel, se houvesse mostrado rigorosa com a sua casa, desfalcada por successivas perdas. Fôra, porém, o amor, e não o interesse, quem inspirára o consorcio de Joaquim Ribeiro com D. Joanna, e os dois esposos, mais ricos pela mutua inclinação, do que se accumulassem grossos cabedaes, sujeitaram-se resignados a todas as eventualidades, encarando o futuro com a firmeza de quem confia na energia propria para não desmaiar com os revezes, ou para não se deixar offuscar pelos sorrisos de qualquer lance venturoso.

Cedo os convenceu a necessidade, de que a hora das prosperidades ainda não era chegada. A estreiteza dos rendimentos aggravou-se, os meios escassearam, e, por mais que doesse o golpe a ambos, viram-se constrangidos a buscar, longe do berço natal, o remedio de sua honrada pobreza. Levando nos braços o filho recemnascido, estimulo da resolução tomada, e penhor de melhores esperanças, saíram, pois, de S. Paulo, e foram estabelecer-se na comarca da Curitiba, convidados pela suavidade do clima, propicio a compleições delicadas, e pela idéa de aproveitar com mais vantagem os lucros da sua industria. Continuava ainda a corte no Rio de Janeiro, e parecia esquecida de que, além dos mares, a metropole libertada por um commettimento heroico lhe estendia os braços. Brando de condição, e timido, D. João VI cerrava os ouvidos, por indolencia, ás queixas e clamores de Portugal, e respondia com o silencio de uma indifferença calculada á indignação excitada pelas offensas da tutela ingleza. Dir-se-hia que, trocadas as mãos, o Brasil se convertêra para o soberano em verdadeira patria, e que o reino de seus avós, desprezado na longa ausencia, nem como colonia lhe podia merecer affectos!

Arremessado por um gesto de Napoleão para a terra de Santa Cruz, assistira de longe, quasi como espectador, a todas as phases do prodigioso poema que o conquistador, passando rapido e invencivel nas azas de fogo das batalhas, ia inscrevendo nos altivos pergaminhos das nações mais velhas e poderosas. Assombrado pelo immenso clarão do astro que incendiava então o mundo, mesmo separado de Bonaparte por milhares de legoas e pelo braço victorioso da Gran-Bretanha, o principe regente lembrava-se com terror das horas de agonia causadas pela invasão de Junot, e contemplando o moderno Prometheo agrilhoado sobre o rochedo de Santa Helena com a espada das potencias alçada sobre o peito, nem assim ousava crer ainda que a coroa de ferro do primeiro imperio tivesse caído da cabeça do rei soldado, partida em Waterloo pela omnipotencia do destino. A resistencia dos dois povos da peninsula contra o jugo estranho, e os milagres de valor e de patriotismo, assellados com o sangue vertido nos combates, nas cicatrizes das villas e cidades, rotas e saqueadas, espantaram-n'o como façanhas sobrenaturaes, ou como lendas de fabulosas cavallarias de antigos seculos. Tendo sentido o sôpro do leão arripiar-lhe a face, abrazando-a, e conservando ainda vivo o som dos seus bramidos, como se os estivesse ouvindo, a realidade figurava-se-lhe uma illusão, e quasi que tinha medo ainda de estender a mão e de cingir o diadema que a aguia do Sena empolgára em um relance audaz. A volta á Europa assustava-o, por isso, como um perigo, ou fazia-o estremecer como uma temeridade. Julgava-se mais absoluto e mais seguro n'aquelle throno da America, aonde se refugiára, do que no meio dos povos que lhe haviam resgatado o sceptro, restaurando a independencia, e com ella a gloriosa recordação dos briosos feitos de outras eras. Quem sabe! Talvez que a grandeza da divida lhe tornasse a gratidão pesada. No solo regado de tanto sangue, e de tantas lagrimas, todos tinham luctado menos elle!

III

Em quanto a corte copiava as instituições e as pompas monarchicas do reino, consolando-se do seu desterro, e, sem o saber, lançava assim ao acaso as sementes, de que, annos depois, havia de brotar a emancipação, madrugava a intelligencia de Gabriel Rodrigues dos Santos, afiançando nas primicias os futuros que a adolescencia e juventude não tardaram em confirmar. Criado no seio da natureza, a facil comprehensão acompanhou logo n'elle o desenvolvimento physico, e a elevação dos sentimentos recompensou a vigilancia dos cuidados maternos. Apenas os abriu, principiou a conversar os livros como amigos, e a amadurecer pela reflexão precoce as lições e os exemplos que o amor e o respeito filial lhe incutiam na alma tenra, premiando e fructificando os desvelos de uma educação que tomava a religião por base e a moral por guia, e que empenhára a maior diligencia para conseguir que a cultura do espirito não pervertesse, ou profanasse nunca a pureza dos costumes, ou suffocasse a ternura dos affectos.

O alferes Joaquim Ribeiro, ancioso de corresponder ás esperanças com que de dia para dia o filho se ia antecipando, tinha resolvido envial-o a Portugal mal a edade lh'o permittisse, para, á imitação de outros moradores da provincia, lhe ornar o engenho com a mais distincta habilitação scientifica que n'aquella epocha podia querer-se e alcançar-se. Desejava que elle cursasse as aulas da universidade de Coimbra sob os auspicios do avô materno, e que laureado com os graus e applausos academicos, se recolhesse a honrar com a toga e com a admiração dos seus progressos a velhice cançada do pae, que n'elle punha toda a gloria do seu nome. A morte atalhou estes designios. Os annos tinham corrido rapidos, e os successos ainda se haviam precipitado mais velozes do que elles.

A revolução de 1820, que o sr. D. Pedro V com tanta verdade caracterisou com um ensaio de boa fé, deu a bandeira das theorias constitucionaes ao descontentamento geral contra a regencia e a oppressão dos proconsules inglezes, cuja tutela vergava o nosso governo nos dois mundos. A novidade captivou até as classes privilegiadas, ameaçadas mais de perto pela constituição, e ás acclamações dos quarteis responderam as acclamações da nobreza, do clero e do povo. Houve um momento, um momento só, em que o odio e a impaciencia fizeram liberaes até os frades! Ao ruido da quéda da regencia e da convocação das cortes, D. João VI acordou da sua apathia. Durante o somno perdêra com o direito divino o motu proprio, a vontade certa e o poder absoluto, e para não perder mais decidiu-se a partir; mas despedia-se do Brasil com o presentimento de que deixava ahi fundado um novo imperio. Não se enganou. O principe real, a quem entregára as redeas do governo, foi o eleito da Providencia para estreitar a alliança do throno com a nação. As imprudencias das cortes das Necessidades, mais curiosas de declamações do que praticas em arrostar as difficuldades do poder, a natural inclinação dos animos, e o impulso irresistivel das idéas, consummaram alguns annos mais cedo a separação, que estava na indole dos factos, e que só esperaria pela occasião mais tempo, se ella não se lhe proporcionasse então unica e propicia.

As alterações que seguiram a epocha agitada da emancipação, pouco ou nada influiram sobre a sorte da familia de Gabriel Rodrigues dos Santos. Em 1826, quando elle contava apenas dez annos, e perdeu seu pae na edade em que mais carecia d'elle, não parece que as suas circumstancias melhorassem muito. Viuva e pouco abastada, D. Maria Joanna viu-se obrigada a acceitar a hospitalidade de sua mãe, e a confiar do zelo dos professores André da Silva Gomes e padre Francisco de Paula e Oliveira o ensino d'este filho, por tantos motivos estimado, e com tanta prodigalidade favorecido pela natureza. Eram mestres dignos do sacerdocio que exerciam; e a posteridade intellectual, que herdou a tradição dos seus preceitos e floreceu com a lição da sua doutrina, foi sempre respeitada, distincta e credora de elogio. Para o mostrar bastará citarmos entre outros os nomes de Gurgal, Pires da Motta, Ildefonso, José Antonio dos Reis e Pimenta Bueno. A esta pleiade, tão illustre depois em todas as carreiras por onde se adiantou, veiu associar-se Rodrigues dos Santos; e quando, terminada a frequencia das humanidades, se matriculou na academia aberta depois da lei de 11 agosto de 1827 em S. Paulo, teve ainda a gloria de competir em honrosa emulação com os Ramalhos, Chaves e Chrispianos, discipulos e ornamentos da mesma eschola.

Contava apenas quinze annos e onze mezes, quando se inscreveu como alumno do primeiro anno juridico; e n'esta edade, em que tantas vezes se nota o feliz defeito da excessiva confiança, a sua convivencia na sociedade academica sem ser pesada ou retrahida, resentia-se dos costumes recolhidos e dos habitos estudiosos contrahidos desde a adolescencia. O estrepito inquietava-o; a alegria tumultuosa tornava-se-lhe molesta; e sem fugir ao trato dos condiscipulos, refugiava-se a miudo do bulicio escholar no seio da familia e no gremio de poucos e discretos amigos, que soubera escolher, e que sabia egualmente apreciar. As suas recreações participavam da sabida inclinação votada aos livros e aos prazeres do espirito. Se a criança revelára em parte a seriedade do homem, as distracções da juventude já diziam tambem qual seria a preoccupação constante do cidadão. Tinha construido um pequeno theatro na chacara habitada por sua mãe, e n'elle empregava as horas de ocio, e os dias feriados, decorando, ensaiando e recitando com seus companheiros varios dramas e comedias. Outro exercicio, não menos adequado a espertar as suas faculdades de orador, o foi desde moço adestrando para sobresair nas luctas da tribuna.

Era costume transmittido de avós a netos entre as familias religiosas de S. Paulo, solemnisar certas festas do anno com orações, novenas, missa cantada e ladainhas de acções de graças, de ordinario precedidas de uma pratica curta e incisiva em honra da Virgem, ou dos santos advogados da casa. Gabriel Rodrigues desejou estrear-se n'estas recitações devotas, e instruido pelo padre mestre Francisco de Paula Xavier, professor de philosophia, subiu um dia ao pulpito domestico, e maravilhou o seu auditorio intimo pela fluencia e elegancia da dicção, e pelo acerto dos conceitos. Divulgou-se a noticia, dilatou-se a fama, cresceu o desejo de o admirar, e dentro em pouco já não era só nas festas particulares mas nas publicas, já não era só no recinto da cidade mas fóra d'ella, que elle se via obrigado a ostentar os poderes da sua vocação oratoria. Foi preciso pôr termo a esta curiosidade, que lhe absorvia o tempo, para não interromper o curso de que pendia a sua carreira; mas os que o escutaram ainda são conformes em asseverar, que a cultura das letras profanas, e a agitação das commoções politicas, apagaram uma das estrellas mais brilhantes de que podia gloriar-se a eloquencia sagrada no Brasil.

Em março de 1837, Gabriel Rodrigues dos Santos, concluidos os cinco annos do curso juridico, era nomeado promotor publico da comarca. Insinuante, modesto e bemquisto, dotado de vastissima comprehensão, e de grande docilidade, vestiu a toga com o pensamento de nunca a deslustrar, mas de a ennobrecer com o talento e o louvor dos actos. Accusando os criminosos nos diversos tribunaes do jury de S. Paulo, Atibaia, Bragança, e Mogy das cruzes, nunca se dei-

xou enlevar do ardor da falsa popularidade, nem consentiu que o orgulho da arte lhe suffocasse o coração no peito. Apropriando o discurso ao assumpto, e a vehemencia da phrase ao delicto, sabía ser magistrado integro e argumentador vigoroso, sem por isso se esquecer de que devia ser humano. Applaudido do publico e prezado dos juizes, um remorso digno do seu bello caracter inspirou-lhe invencivel repugnancia pelo officio que exercia. Suspeitou um dia que a sua voz, mais severa do que pedia a culpa, provocára a sentença de morte proferida contra o réo, e degostoso e inquieto, revendo sempre aquella gota de sangue a macular-lhe a opa, não socegou em quanto não extorquiu do governo a exoneração de um cargo, que a consciencia melindrosa convertia para elle em supplicio de todos os momentos. Desde então abrindo o seu escriptorio de advogado, applicou-se unicamente á defesa dos accusados, e o jury, que tanto o conhecia, nunca mais o ouviu senão como protector da innocencia, ou como consolador do infortunio.

Este periodo, que encerra a primeira epocha de uma vida tão curta, mas tão occupada e fecunda, diz-nos já o que a patria e a humanidade tinham a esperar de Rodrigues dos Santos. Infancia rica de bons auspicios; adolescencia laboriosa; juventude coroada de applausos, eis os padrões que assignalam cada um de seus passos. Veremos que, ao pisar a scena politica, aonde tantas vezes os melhores instinctos se pervertem, e as mais preciosas qualidades degeneram, o cidadão foi tão exemplar e estimado como mereciam as suas virtudes e pedia a elevação do seu talento.

(Continúa) REBELLO DA SILVA.

FABRICA DA POLVORA

Esta fabrica está estabelecida proximo do logar de Barcarena, a 14 kilometros de Lisboa, para noroeste.

A fachada fica exposta ao nascente, continuando o edificio para o norte, além dos limites da estampa, porque a vista foi tirada do largo, e por isso não póde representar a parte que fica encoberta com o quartel dos destacamentos de infanteria n. 1 e de veteranos, que alli fazem serviço. A cortina que se vê á direita pertence á escada que dá serventia para o referido quartel.

Tem a fabrica 570 metros de comprimento e 55 na sua maior largura.

A construcção interior não está de accôrdo com o que a sciencia prescreve a respeito de estabelecimentos d'esta natureza. As officinas não estão convenientemente isoladas umas das outras, e as paredes são de grande espessura, circumstancia que é prejudicial, por que havendo uma explosão, os estilhaços devem causar damnos terriveis, ainda mesmo a grandes distancias.

Faremos a historia d'este estabelecimento, tão succintamente quanto nos seja possivel.

As primeiras officinas para manipulação de polvora, em Portugal, datam do reinado del-rei D. Manuel. Uma foi estabelecida ás Portas da Cruz, em Lisboa, e outra em Barcarena, onde se construiu um moinho de fazer polvora e uma fabrica de armas, a que se ficou chamando *Ferrarias d'El-Rei*.

Houve depois, além d'estas officinas que pertenciam ao estado, outras fabricas particulares, com as quaes se contratava o fornecimento da polvora, mediante certo preço de feitio, dando o governo o salitre, que então vinha da India. Mas tendo augmentado a população da cidade, depois da restauração de 1640, e sendo frequentes os incendios n'aquellas fabricas, mandaram-se arrazar as que existiam no povoado, em que entraram todas as que havia na rua Formosa, e tambem a das Portas da Cruz, isto em 1651.

Até 1679 pouca polvora se manufacturou; importava-se quasi toda de Hollanda. O moinho de Barcarena andava arrendado ao engenheiro Affonso Matheus, e depois a seu irmão o major Manuel Matheus.

Foi então que appareceu o primeiro polvorista notavel, Carlos de Sousa Azevedo, o qual requereu lhe fosse entregue o citado moinho, obrigando-se a fornecer annualmente 2:400 arrobas de polvora, segundo varias condições que propoz. Sendo-lhe deferida esta petição, por alvará de 9 de agosto de 1679, conservou o contrato até 1291, em que o rescindiu, por achar difficuldade em obter salitre.

Como depois ficassem sem trabalhar as ferrarias e moinhos de Barcarena, foi esta propriedade novamente concedida ao mesmo Azevedo, em 1695, com a condição de se lhe darem 4:000 arrobas de salitre cada anno, apresentando elle egual peso de polvora, que lhe sería paga a 900 réis o quintal.

Pela morte de Sousa Azevedo continuou na gerencia da fabrica seu filho do mesmo nome, até 1712, sendo n'esse anno dada a um neto do primeiro, tambem Carlos de Sousa Azevedo, a continuação do arrendamento.

Ficando este ultimo alcançado para com a fazenda, fez-se-lhe penhora na fabrica e nos moinhos, sequestro que pouco depois foi mandado levantar, em resultado de allegações que apresentou.

Effectuou-se nova arrematação da fabrica em 1725, sendo o novo arrendatario Antonio Cremer, commissario geral do almoxarifado, e ex-pagador das tropas hollandezas ao serviço de Portugal.

Foi Cremer quem reedificou a fabrica de Barcarena e fez a de Alcantara, onde hoje se refina o salitre, a qual então servia tambem para manufactura de polvora. Misturavam alli os simplices [1], e ia ultimar-se o fabrico em Barcarena.

Durante esta administração não consta que houvesse falta de polvora no reino; e introduziram-se consideraveis melhoramentos, não só nas machinas, como tambem nos processos e nos meios de experimentar a polvora.

Depois de haver fallecido Antonio Cremer, continuou sua mulher D. Catharina Sophia Cremer de Wanzeller a gerir a fabrica, com o mesmo titulo de *intendente da polvora do reino* que tinha seu marido, até que em 1753 passou a ser administrada pela junta dos tres-estados, ficando na dependencia do ministerio da marinha.

Apesar d'esta mudança, a fabricação da polvora foi totalmente descurada, chegando a serem despedidos todos os operarios.

Tendo havido em 1774 uma grande explosão no pateo do enxugo, foi Martinho de Mello, então ministro da marinha, visitar a fabrica, mandando em seguida reparar os estragos do incendio e augmentar o numero das officinas, trabalhos de que foi encarregado o celebre artilheiro Bartholomeu da Costa, o fundidor da estatua equestre, que em 1790 tomou a superintendencia das officinas.

Foi, por este tempo, tão prospero o estado da fabrica, desde 1778 até 1795, que saíram do seu cofre 495:000$000 réis para as obras do dique do arsenal da marinha.

Em 1802 ficou a fabrica da polvora pertencendo ao arsenal do exercito, sendo nomeado director Carlos Napion, tenente coronel de arthilheria, o qual tinha sob as suas ordens, para a immediata vigilancia dos trabalhos, o major de artilheria de Badajoz Leonardo Chalup.

A 17 de agosto de 1805 houve outra explosão na fabrica, em que morreu o director Chalup, um mestre e mais trinta pessoas, ficando metade do edificio em ruinas. Não se póde saber com certeza a causa

[1] Salitre, enxofre e carvão.

d'este desastre. Uns o attribuiram ás novas machinas estabelecidas por Napion, outros á falta de ordem e de policia no estabelecimento.

O governo tratou immediatamente de reparar os damnos causados no edificio, mandando alguns batalhões para o desentulhar, mas durante estes trabalhos houve ainda, a 25 de outubro, terceira explosão de que foram victimas nove pessoas. No fim de seis mezes estava a fabrica completamente restaurada, continuando a trabalhar em grande escala até 1807. D'este anno em diante diminuiu consideravelmente o fabrico da polvora, até que em 1834 começou a venda d'este artigo a ser feita por conta do contrato do tabaco, no que o estado pouco lucrou.

Desde 1849 é a fabrica novamente administrada pelo arsenal do exercito.

No dia 17 de maio do anno passado, ás onze horas da manhã, estando no pateo do enxugo 1:500 kilogrammas de polvora, houve quarta explosão, cujo estrondo se ouviu a 15 kilometros de distancia. É facil de imaginar o terror que se apoderou de todos, julgando que a fabrica iria pelos ares. No primeiro momento todos quizeram sair, mas logo que o commandante fez sentir aos operarios o perigo de deixar o incendio lavrar pelo edificio, todos o seguiram para dominar o fogo, que tinha pegado nos taboleiros e pannos do enxugo, e até nos caixilhos de duas janellas de officinas onde havia a polvora! N'este empenho todos se houveram com admiravel coragem, conseguindo em duas horas livrar a fabrica de todo o perigo.

O governo conferiu por esta occasião os devidos pre-



Fabrica da Polvora

mios aos que mais se distinguiram. O commandante foi condecorado com o grau de official da torre e espada; o mestre com o habito de Christo, e muitos dos operarios tiveram augmento de salario.

Ultimamente tem-se tratado com attenção d'este estabelecimento, que é importante, não só pela necessidade de haver polvora sufficiente para aprovisionamento do exercito, mas porque a venda d'este objecto produz ao estado uma receita que não deve desprezar-se. E tanto que segundo os calculos ultimamente feitos, se reconheceu que o estado ganha 20 p. c. ao anno na venda avulso da polvora, liquidos da commissão aos estanqueiros.

Os progressos que a fabrica tem tido n'estes ultimos annos são em grande parte devidos ao actual commandante d'aquella repartição, o sr. Casimiro José de Carvalho, major de artilheria, que junta a mui solida instrucção, incansavel zelo, e conhecimentos especiaes para o bom desempenho da commissão que exerce.

A fabrica emprega actualmente 80 operarios, além do pessoal necessario para a fiscalisação.

Produziu no anno economico anterior 173:000 kilogrammas (11:778 arrobas) de differentes polvoras, e calcula-se que produzirá durante o actual mais de 200:000.

Havendo o governo em 1861 reduzido o preço d'esta mercadoria, tem desde então augmentado tanto a procura, que a fabrica não póde abastecer sufficientemente o mercado. Por esta razão o parlamento, na ultima sessão legislativa, votou a verba de 7:000$000 réis para ser ampliado este estabelecimento, construindo-se duas officinas para além da ribeira de Barcarena, que passa encostada á fabrica, do lado do poente, obra que já começou.

Esta resolução, que se deve principalmente aos esforços do actual inspector do arsenal do exercito, um dos nossos officiaes generaes mais illustrados, foi de grande utilidade, porque, pelo numero de vezes que deixam de ser satisfeitas as requisições dos estanqueiros, póde-se affirmar, que se a fabrica produzir dobrada quantidade de polvora, não lhe faltará consumo.

M. Augusto da Silva

O DOUTOR

(Vid. pag. 283)

II

A contar d'esse dia voltámos todas as noites á agua-furtada ao Soccorro, ninho de estudante e de poeta, que ainda me parece estar vendo! As paredes forradas de jornaes, duas janellas d'onde se avistava a cidade, um retrato da cantora Gresti, que n'esse tempo era moda em Lisboa, uma estante carregada de tercetos e quartetos, uns livros de jurisprudencia a espreguiçarem-se em cima de uma mesa com ar enfastiado, e a rebeca, mettida n'uma caixa de pau pintada de preto, como um Deus em seu taber-

naculo; agrupam-se com galanteria na minha memoria todas estas minucias de mobilia em roda da sympathica figura, que era a alma e a vida d'aquella casinhola! Tantos annos nos separam já d'esses dias viçosos, e ha ainda toadas que não sou senhor de escutar sem que me pule o coração; *a sonata do diabo* principalmente, que Vasco nunca se cançava de tocar, nem eu de ouvir. Imaginem na lamentavel carreira de folhetinista que Deus me deu, se haverei depois d'isso ouvido ou não rebequistas; é coisa de que não ha falta, louvado seja Deus, no nosso tempo. Tenho-os visto grandemente habeis e illustres, uns tocando uma opera inteira n'uma corda só, outros imitando todos os instrumentos, e tocando todos... menos o que tem entre mãos: tenho assistido a verdadeiras maravilhas e extravagancias d'arte; depois de ver Sivori tocar na corda de Paganini a *preghiera de Mosé*, fui ouvir n'uma taberna de Londres a mesma *preghiera* executada na mesma corda por um diabo de um italiano que tocava com uma vela de stearina em vez de arco. Pois para dizer a verdade, a exceptuarmos Sivori, Vieuxtemps, a quem ouvi em Paris, e Lotto que escutei o anno passado em Lisboa, artistas que Deus um dia chamará a si para chefes da orchestra dos cherubins, ainda não encontrei nenhum que mais me seduzisse do que Vasco.

É certo que n'esta ordem de coisas nunca fui juiz muito competente; se me impressiono, é que a coisa é boa; se fico frio, não presta. Ha pessoas que sustentam que esta é no mundo a mais tola maneira de julgar; tenho pena, mas é a minha. Faço maior caso de um sentimento ingenuo simplesmente expresso, do que de todas as habilidades que executam os clowns da arte entre applausos da turba. Por isso, como me succedia quasi todas as noites, ao ouvir a rebeca de Vasco, sentir-me commover a ponto de chorar, comprehender-se-ha que acreditasse sem difficuldade no seu talento sublime. Espalhou-se a fama entre os rapazes amigos; quizeram todos ouvil-o, ficaram todos encantados como eu. Vasco tornou-se o Orpheu do nosso grupo. Compunhamos-lhe um publico de enthusiastas moços, dando-lhe por assim dizer o ante-gosto da gloria.

— Vocês perdem-me!, dizia-nos elle ás vezes. Embriagam-me o coração por uma fórma funesta, e acordam em mim sonhos insensatos. Para que hão de mostrar-me esse phantasma, que não conseguirei nunca estreitar? Que precisão ha de me mostrarem o calix encantado onde meus labios nunca hão de beber? Estou votado a uma missão ingrata, e reclama-me a obscuridade.

No entanto todos, excepto elle, nos precipitavamos ardentemente na estrada da litteratura e das artes. Vasco voltou a Coimbra, e alli terminou o curso juridico. Quando veiu de novo a Lisboa, foi apenas como despedida á capital, dispondo-se a regressar a Montemór, sua terra natal. Reservado e orgulhoso não nos fallára nunca da sua posição; mas, pela maneira por que vivia, facilmente tinhamos percebido que a sua familia era de poucos haveres. Uma noite estava eu só com elle no quarto, em vesperas de se ausentar, e veiu ao caso fallarmos pela primeira vez dos rigores do seu destino e mais do meu. Mostrou-se immensamente amargurado.

— A tua sorte não é completamente má, me disse; ficas por cá trabalhando segundo os instinctos da tua vocação, e mais anno menos anno lograrás ser conhecido. Eu é que vou sepultar-me n'um tumulo!

Andava pela alcova como um leão na jaula, e batia na testa. Para socegar, pegou na rebeca e improvisou melodias tão cheias de tristeza, que me correram as lagrimas pelas faces, e elle proprio chorava escutando-se. Levantei-me, abracei-o, e perguntei-lhe o motivo pelo qual em vez de ir esconder-se n'uma carreira que repugnava a todos os seus instinctos, não tentava crear pelo seu talento uma posição na orchestra do theatro de S. Carlos. Não era a primeira vez que eu o apalpava sobre esta idéa; consegui quasi resolvel-o.

Como traductor do theatro do Gymnasio, que eu era n'esse tempo, estava em intimidade com o professor Real, director da orchestra. Fallei-lhe do meu amigo com tal enthusiasmo que lhe despertei desejos de o ouvir. Ajustámos um dia. Quando esse dia chegou, fomos a casa de Vasco, a quem não prevenira para não o inquietar.

O Vasco era já, como todos os grandes artistas, uma creatura caprichosa e excentrica. Foi-nos impossivel arrancar-lhe uma só arcada; e quando soube que era Real que alli estava, não poz ceremonia em testimunhar o seu mau humor, e perguntar se queriamos divertir-nos á sua custa. Tivemos grande trabalho para o serenar. Cuidára eu que elle consentiria ao menos em conversar a respeito d'arte com o professor; mas em todo o tempo que durou a nossa visita, não podémos fazel-o conversar senão dos livros de direito. Declarou que não percebia nada de musica, que não lhe lembrava coisa alguma, e que daria de boa vontade todas as cabelleiras de Mosart, Weber, Haydn, e Beethoven por um só cabello do chinó do auctor das Pandectas. Fiquei desesperado, e á saída desfiz-me em desculpas para com Real, que me interrompeu dizendo-me:

— Gosto immenso d'este rapaz. É preciso arranjar que eu o possa ouvir.

Aqui vae como se conseguiu essa Africa.

D'ahi a uns dias, escondi Real n'um gabinete ao lado do meu quarto, tendo escripto de manhã a Vasco a dizer-lhe que o esperava com a sua rebeca. Assim o chamava sempre quando estava triste ou doênte; corria elle ao meu encontro, e curava-me com musica. Á hora indicada, deitei-me vestido, com a coberta por cima, e puz-me á espera do meu medico, que não tardou.

Depois de estar um pedaço á minha cabeceira, tirou da caixa a rebeca, e principiou a tocar como eu nunca o ouvíra até alli. Desconfiando todavia de mim proprio, estava scismando no que pensaria Real no seu escondrijo, quando de repente se abriu a porta com violencia, e Real se precipitou na alcova, abraçando-se logo a Vasco. Eu, ao mesmo tempo, atirei commigo da cama abaixo, e puz-me a saltar na casa como um doido, ao passo que Vasco, de rebeca n'uma das mãos e arco na outra, não sabia a maneira de se desembaraçar dos abraços que o suffocavam.

Ha pelo mundo certos homens, que, sem fazerem obra por si, encontram-se desempenhando um tal ou qual papel no movimento das artes e da litteratura: ditosos entes, que, á falta do poder creador, receberam do ceo o gosto, o instincto e a paixão das coisas bellas. Criticos volantes, bohemios da intelligencia, vivem na margem dos pintores, dos litteratos e dos poetas. Lisboa sabe-lhes os nomes; perfeitamente desconhecidos fóra de portas, gozam *intra muros* de tanta celebridade como os mais celebres. Scientes de tudo que vale a pena de saber-se, não ha maravilha que não vão ver, nem obra contemporanea á qual não tirem, por assim dizer, a flor ou primicias. Conhecem o drama que Biester está escrevendo para o theatro normal, e o quadro que Annunciação está acabando. Tem auctoridade a sua palavra, e a sua opinião dá leis. Naturezas benevolas, isemptas ordinariamente de invejas, de odios e rivalidade de officio, vão ao encontro do talento que principia, apossam-se d'elle, e protegem-o: são os padrinhos do genio. Hão de morrer sem terem feito mais do que fallar, mas tem em vida todos os proveitos da gloria.

Scismava eu com aspiração a imitar esses typos, quando pensei que era por intervenção de mim só, — pobre e obscuro noviço em materia d'arte — que Real conhecêra Vasco, Vasco a quem abraçava n'um phrenesi de alegria.

Succedeu o que eu previra: essa noite decidiu do destino do moço. Atirou, como o outro diz, com as considerações por ares e ventos, e dedicou-se inteiramente ao culto da arte. Não me disse uma palavra ácerca das luctas que tinha de sustentar a tal respeito com a familia; mas facilmente as adivinhei. Percebi que o pae lhe suspendêra a mesada com que até então se sustentára, e que á espera da fortuna e da voga ia encontrar-se com a figura horrivel da pobreza. Dirigido pelo Real, que o estimava muito e que não lhe poupou lições nem conselhos, podia tornar-se em pouco tempo um violinista dos mais distinctos d'esta epocha; mas era maior a gloria a que aspirava Vasco, e Real em vez de o afastar d'essa idéa animava-o n'ella, porque havia reconhecido no discipulo uma faisca do fogo creador. Vasco applicou desde logo á composição todos os seus estudos, faculdades e esforços. Não havia porém remedio senão viver; e, extremamente orgulhoso para confessar a sua posição precaria, dava lições por um lado e outro, copiava musica e tocava á noite na orchestra do Gymnasio. Assim ia ganhando o pão de cada dia, e trabalhava o resto do tempo com a esperança do futuro que promettia recompensal-o de tantas dores e amarguras, devoradas em silencio.

Saí eu de Lisboa n'essa epocha. Fui despedir-me d'elle ao seu quarto, onde tão boas horas passára ouvindo-o.

— Quando eu voltar, lhe disse, estará você celebre, e já não será n'este ninho que hei de procural-o; tel-o-hão feito descer d'este cubiculo a gloria e a fortuna, e hei de poder gabar-me de ter sido o primeiro que o comprehendi e o avistei!

— Succeda o que succeder, redarguiu elle, obscuro ou illustre, rico ou pobre, virá dar-me uma grande alegria o tornar a vêl-o e a abraçal-o!

Separámos-nos promettendo escrevermo-nos.

Mas, por pouco que se haja vivido, bem sabem todos em que dão essas promessas de se escrever entre amigos, muito mais na edade tempestuosa em que a paixão da amizade cede a vez a tantas outras. Através da preoccupação da minha vida, que corria então entre difficuldades e luctas, a lembrança d'aquelle moço nunca se me apagou da idéa: pensava n'elle, como em uma das alegrias mais verdadeiras que me esperavam ao voltar á capital, e procurava-lhe o nome nos jornaes, esperando sempre que a sua estrella não tardaria muito que não despontasse.

Quando voltei a Lisboa, quasi um anno depois, não o encontrei. Perguntei por ahi o que havia sido feito d'elle, ninguem sabia dizer-me; o certo era que já cá não estava: um dia cançaram-se de me responder, ou eu me cancei de perguntar, e não se tratou mais de similhante coisa. Fui-me aguentando na corda bamba da litteratura, principiei a entregar-me á mania de correr terras, e um dia, nunca soube bem o porque, parti para Evora. Já a jornada me fez esmorecer: esperava ladrões pelo caminho, mas já os não ha senão nas cidades e melodramas; a innocencia patriarchal dos tempos primitivos fugíra para o Alemtejo; anda um homem de noite por aquelles descampados com a inviolabilidade que a carta constitucional sonhou; é perfeitamente inutil a menor precaução; cheguei a desejar ser roubado para restituir ás estradas a sua antiga reputação de perigo: de Vendas Novas para diante é tudo honesto e virtuoso: póde, quem for prevenido, deixar as armas na estação dos caminhos de ferro, porque não precisa d'ellas... senão quando voltar para Lisboa.

Fiquei encantado da entrada de Evora: os suburbios da cidade em duas legoas de redor não se compõem senão de quintas de uma frescura extrema. Hesitam depois os olhos, quando se fixam no interior da cidade, em acceitar o estilo desgracioso da maior parte dos predios, baixos, corcovados, de informes sacadas vermelhas, ou a maneira exotica de algumas ruas em que se passa por baixo de arcos acanhados, e tão deseguaes que parecem um *tunnel* de *camara-optica!* Encontrei na cidade um tom de solidão tão melancolico que cheguei a suppor que Evora, desde os deuses, nunca mais houvesse sido habitada, e caí n'um abatimento, n'uma prostração, n'uma tristeza... mythologica. Alli passei tres dias, entretidos pela affavel delicadeza com que os eborenses obsequeiam os visitantes, e depois de ver os monumentos e logares celebres da cidade, puz-me outra vez a caminho para Lisboa, por signal que em companhia do actor Santos e da actriz Emilia Letroublon, que tinham ido dar algumas récitas em Evora. Fizemos jornada desde o principio da tarde, e chegámos a Montemór — unico sitio em que se descança — ás oito horas da noite. Como já lhes disse, Montemór era a terra de Vasco.

(Continua) JULIO CESAR MACHADO.

FERNÃO DE MAGALHÃES

Descobertas as ilhas, a que Magalhães poz nome dos *Ladrões*, e ao depois foram conhecidas com o nome de *Mariannas*, que hoje dura, buscadas em terra as provisões que se poderiam encontrar para remediar a extrema necessidade que sentiam, continuou a pequena frota no mesmo rumo que levára, e entrou, depois de não mui larga navegação, em um archipelago até então desconhecido.

Demoravam n'elle muitas ilhas, por entre as quaes foram navegando as caravellas, servindo de pilotos os indios do archipelago.

Chamou Fernão de Magalhães ao grupo de ilhas novamente descoberto o archipelago de S. Lazaro. Correndo depois o tempo, lhe mudaram os hespanhoes o nome no de Philippinas, que hoje tem, em honra de Filippe II. Parecendo-lhe a terra accommodada para assentar com seus naturaes trato de boa amizade, e lançar os fundamentos de uma nova christandade em tão afastadas regiões, determinou o capitão-mór de concertar allianças com muitos dos regulos, e alcançou que alguns d'elles, abjurando suas gentilidades, e confessando a verdadeira fé, dessem obediencia ao imperador.

Estava Magalhães na ilha de Zebú, uma das que demoram na parte central do archipelago, e recebia do rei amigavel hospitalidade, quando lhe veiu nova que o da ilha de Matan, menos docil ao commercio de europeus, ou mais aferrado a suas abusões e barbaros costumes, se levantára contra os que julgava insolentes oppressores, e negava seu preito ao imperador. Referem muitos historiadores, e entre elles com mais venerada auctoridade o nosso João de Barros e o celebrado Pedro Martyr de Anghiera [1], que o Magalhães,

[1] Pedro Martyr *di Anghiera*, por haver nascido n'esta povoação do Milanez em 1455, entrou ao serviço dos reis catholicos Fernando e Isabel, a quem serviu por muitos annos, sendo por elles enviado embaixador á Senhoria de Veneza e ao Egypto. Tendo passado em Castella uma grande parte de sua vida, certamente por aquelles tempos, em que principiavam e proseguiam os descobrimentos e conquistas do Novo-Mundo, aproveitou os ocios que lhe restavam de seus encargos para escrever em latim uma historia d'aquellas navegações, com o titulo *De navigatione et terris de novo repertis* (Da navegação e das terras novamente descobertas), em que narra em presença dos testimunhos valiosos de seus contemporaneos as coisas do Novo-Continente. Além de uma relação curiosa da sua embaixada ao Egypto, deixou uma preciosa collecção de cartas, onde se encontram numerosos subsidios para a historia dos descobrimentos no Novo-Mundo. Saiu á luz esta collectanea epistolar com o titulo *Epistolæ de Rebus Hispanicis.* É Pedro Martyr havido na conta de excellente auctoridade, para tudo quanto se refere aos descobrimentos e navegações que até ao seu tempo se haviam levado a cabo.

apesar da pouca gente que então levava, não podendo relevar a ousadia do indio rebellado, se partíra de Zebú, levando comsigo quarenta homens, e dera na ilha de Matan, com menos fortuna do que mereciam os altos espiritos e a heroica resolução do esforçado capitão e destemido navegador. Porque o regulo rebelde, juntando a gente que tinha mais á mão, e que fazia um corpo de tres mil homens, recebeu a investida do portuguez, com tão mau semblante, que os da frota se viram obrigados a retrair-se, com perda de muita gente, em que houve principalmente a lastimar a morte de Magalhães, que n'aquelle recontro acabou sua peregrinação, sellando com o seu sangue generoso, a que veiu a ser pouco depois, apesar d'aquelle desbarato, nova e preciosissima conquista para a corôa de Castella.

Succedeu a facção aos 26 de abril de 1521, havendo passado um anno e sete mezes desde que de S. Lucar partíra a expedição.

Differe da narração que summariámos, e que anda vulgar nos historiadores, a que da morte de Magalhães nos deixou Gaspar Corrêa. Oiçamol-o contar os feitos do capitão-mór desde que entrou o estreito de seu nome, até achar sua morte gloriosa ás fréchadas dos gentios do Matan.

«Então Magalhães com os tres navios que tinha, se foi pelo rio dentro, porque correu passante de cem legoas e saíu da outra banda ao mar largo, onde lhe deu levante á popa, com que correram mais de cinco mezes sem amainar, e foram dar em umas ilhas despovoadas e em uma d'ellas acharam gente selvagem, que vivia em covas debaixo do chão. Foram a outra ilha, que lhe davam oiro por peso de ferro; com que recolheram muito oiro; e a gente de boa condição que tinham rei; gente bem tratada, que tinham guerra com outros visinhos, que mais podiam; pelo que o rei se fez christão com toda sua gente, porque o Magalhães o ajudasse contra seus imigos». [1]

Não refere Gaspar Corrêa que ilhas seriam aquellas de que falla. É muito para notar a contradicção em que o historiador caíu ao dizer que eram despovoadas, e que em uma d'ellas achou Magalhães gente selvagem, verdadeiros troglodytas, que em covas faziam sua habitual vivenda. Por este logar e muitos outros que depara a leitura das *Lendas da India*, se deprehende em que suspeições devem ser tidas, algumas vezes, as narrativas d'este singelo e quasi barbaro chronista das coisas orientaes.

A ilha, aonde foi ao depois Magalhães e seus guerreiros, e que tinha gente de boa condição, é de suppor que seria uma das ilhas Philippinas, talvez a de Zebú, com cujo regulo assentou suas pazes e allianças o esforçado capitão-mór. Oiçamos o que diz Gaspar Corrêa, recontando como Fernão de Magalhães achou lastimoso fim, por diversa maneira da que testimunham os demais historiadores de sua empreza.

«Ao que se offereceu o Magalhães e com a gente armada e com os da terra foi dar nos imigos, de que matou muitos e lhe queimou o logar; e os imigos houveram ajuda de outros e muitos vieram pelejar com o Magalhães, que os desbaratou e lhes correu o alcance muito longe. O que fizeram com manha, por que tinham ciladas de gente mettidas no mato, que vendo os castelhanos cançados, saíram a elles e mataram muitos, e outra cilada saiu do mato a tomar os bateis que estavam na praia sem gente; ao que saíu o rei e pelejou com elles e defendeu os bateis e colheu a gente». [2]

Continúa Gaspar Corrêa a sua narrativa, contando como o rei vencido se concertou com o outro, em cujo auxilio pelejára o Magalhães, e deu traça para que o matassem em um banquete, que na ilha, ao parecer

[1] Gaspar Corrêa *Lendas da India*. tom. II, part. II, pag. 630

[2] Idem.

amiga, lhe haviam de offerecer a elle e a seus mais luzidos companheiros.

«O rei fugido, vendo-se assim desbaratado, tratou traição com o rei christão e fez com elle concerto de casamento com sua filha e com suas juras que morrendo elle que era já velho, tudo lhe ficaria e viveriam sempre amigos, porque os castelhanos se haviam de ir, e se o não fizesse para sempre lhe faria guerra; e isto com condição que lhe havia de dar modo como matasse os castelhanos. O que o rei christão, como homem bestial, consentiu na traição e fez grande festa e banquete pelo vencimento, ao que convidou o Magalhães, que foi ao banquete com trinta homens, os mais honrados e bem vestidos; onde estando no banquete folgando, entraram os imigos armados, que mataram o Magalhães e os castelhanos que nenhum escapou e o Serrão (Serrano) despiram e arrastando o levaram, á praia, onde o justiçaram e mataram arrastado». [1]

Differe substancialmente, como se vê, a narração de Gaspar Corrêa da historia geralmente acreditada sobre o tragico fim de Fernão de Magalhães. Segundo Barros, Pedro Martyr, Herrera e Oviedo, o heroe portuguez acaba gloriosamente os seus dias n'um recontro, aonde a sua temeridade o levára a pelejar com innumeros gentios. Morre como guerreiro, mas em vez de triumphar na referta com os de Matan, é por elles mais que vencido, morto ás fréchadas. Nas *Lendas da India* a morte de Fernão de Magalhães é mais tragica. O espirito phantastico de Gaspar Corrêa compraz-se em o pintar vencedor na peleja com os rebeldes insulanos, em o conduzir ovante á ilha do rei christão, e em attribuir á traição d'este a morte do capitão, contra cujos brios não seria bastante a vencêl-o todo o poderio d'aquelles barbaros, em campanha rasa e a peito descoberto. Era contra a religião patriotica dos nossos velhos chronistas, historiar a morte de um heroe prostrado em leal batalha pelos seus adversarios. Um soldado, a quem servia de melhor sáio de malha e de mais rijo escudo o prestigio e condão de portuguez, não podia ser vencido nem por grossos esquadrões de seus contrarios. Para que o desbaratassem, haviam os inimigos soccorrer-se de ciladas e perfidias. Por isso na lenda cavalleiresca de Gaspar Corrêa, o esforçado Magalhães é coroado de loiros na batalha com os feros habitantes de Matan, e depois que o esplendor das armas christãs tem deslumbrado aquella atterrada gentilidade, vem o convivio ensanguentado pelo homicidio dos heroes trazer a peripecia d'aquelle drama. [2]

Em tão desconformes testimunhos a quem devemos prestar fé? Aos historiadores sisudos, que alliaram ao espirito cultivado e á elegante linguagem melhor critica dos successos contemporaneos, ou ao soldado aventureiro, em cujas palavras desornadas transparece a escassa cultura intellectual? A resposta não póde ser favoravel certamente ao diligente, mas tantas vezes fabuloso historiador das coisas do oriente. [3]

(Continúa) J. M. LATINO COELHO.

[1] Gaspar Corrêa. *Lendas da India*. tom. II part. II pag. 631.

[2] Evidentemente, Gaspar Corrêa, por um singular anatopismo, confundiu os successos de Magalhães com o que aconteceu depois da sua morte a alguns de seus companheiros, n'um logar differente d'aquelle onde se passára o ultimo recontro do illustre capitão-mór. No banquete, aonde o falso rei christão attrahiu os castelhanos, ficou ferido João Serrano, e foram mortos vinte e quatro de sua comitiva.

[3] Ao referir e extractar tudo o que das *Lendas da India* se poderia appositamente citar a proposito de Fernão de Magalhães, tivemos apenas a intenção de acrescentar á lista dos auctores que d'este famoso capitão deixaram memoria em seus escriptos, o nome de um chronista, cuja auctoridade em muitos pontos se não deve menosprezar, com achaque de ser despolido o seu estilo, e quasi barbara a sua dicção habitual. Como as *Lendas da India* só ha mui poucos annos foram desentranhadas do esquecimento em que jaziam, e trazidas á luz por diligencia do nosso eruditissimo philologo, o sr. Rodrigo Felner, pareceu-nos necessario não omittir os trechos que, n'aquella volumosa collecção, diziam respeito ao nosso benemerito navegador. Sobre o credito que merece a auctoridade de Gaspar Corrêa, e sobre os erros chronologicos e fabulosos episodios com que o auctor das *Lendas* offendeu, em alguns logares de suas narrativas, a severidade da historia, veja-se a elegante e copiosa memoria que, á frente da edição, escreveu, com o modesto titulo de *Noticia Preliminar*, o academico editor, a pag. XXIX.